

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 39 – Junho / 2019

PANORAMA HISTÓRICO DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA: DO ANTIGO TESTAMENTO ATÉ O PERÍODO DOS REFORMADORES

Me. Jéferson Marques da Silva

PANORAMA HISTÓRICO DA
INTERPRETAÇÃO BÍBLICA: DO
ANTIGO TESTAMENTO ATÉ O
PERÍODO DOS REFORMADORES

Historical panorama of biblical interpretation: from the
old testament to the period of reformers

Me. Jéferson Marques da Silva

RESUMO

A história da interpretação bíblica começa ainda no período do Antigo Testamento com os profetas e os antigos rabinos. Eles faziam a interpretação em suas épocas dos textos antigos tentando trazer à tona sentido original do autor dos textos Sagrados. Após o início da era cristã, os teólogos cristãos também procuraram dar a interpretação correta dos Escritos. A história demonstra que, logo nos primeiros séculos, os teólogos passaram a adotar o método de interpretação alegórico, método este que dominou a hermenêutica cristã até o início do século XVI, com a chegada dos movimentos reformistas. Os reformadores logo abandonaram o método alegórico de interpretação e se utilizaram, no geral, do método histórico-gramatical. Lutero, Calvino, Zwinglio, entre outros, deram imensa contribuição a este processo. O objetivo desse estudo é apresentar um panorama da história da interpretação desde o Antigo Testamento até os Reformadores, passando patrística e o período da escolástica. A metodologia empregada no desenvolvimento desse trabalho é a bibliográfica, tomando como base os escritos exegéticos desses autores, bem como também todo o material escrito atualmente por teólogos contemporâneos que visam fazer uma análise dos escritos desses autores e a sua importância na teologia como um todo. A conclusão a que chegamos é que a teologia cristã não seria a mesma sem a contribuição de tais reformadores e que o método gramático-histórico de interpretação, utilizado e defendido por eles, se mostrou muito mais eficaz no processo de interpretação bíblica.

Palavras-chaves: Reformadores. Método gramático-histórico. Reforma Protestante.

ABSTRACT

The history of biblical interpretation begins even in the Old Testament period with the prophets and the ancient rabbis. They did the interpretation in their epochs of the ancient texts trying to bring to the fore original sense of the author of the Sacred texts. After the beginning of the Christian era, Christian theologians also sought to give the correct interpretation of the Writings. History shows that in the early centuries the theologians began to adopt the method of allegorical interpretation, a method that dominated Christian hermeneutics until the early sixteenth century, with the arrival of the reformist movements. The reformers soon abandoned the allegorical method of interpretation and used, in general, the grammatical historical method. Luther, Calvin, Zwingli, among others, made an immense contribution to this process. The purpose of this study is to present an overview of the history of the interpretation of the Old Testament to the Reformers, passing patristics and the period of scholasticism. The methodology employed in the development of this work is the bibliographical one, based on the exegetical writings of these authors as well as all the material currently written by contemporary theologians that aim to make an analysis of the writings of these authors and their importance in theology as a whole. The conclusion we come to is that Christian theology would not be the same without the contribution of such reformers and that the grammatical-historical method of interpretation used and advocated by them proved to be much more effective in the process of biblical interpretation.

Keywords: Reformers. Grammar-historical method. Protestant Reformation.

INTRODUÇÃO

A maneira através da qual os antigos interpretavam as Escrituras nunca foi consenso nos mais diferentes grupos de rabinos, desde o Antigo Testamento até os tempos de Jesus. A interpretação dos primeiros capítulos do Gênesis, da lei mosaica e até mesmo das profecias, gerou, ao longo da história teológica do povo de Israel, os mais variados debates. Esses antigos intérpretes fizeram uso dos textos de Moisés e de outros e através um longo e árduo trabalho exegético, de investigação e averiguação, tentaram trazer à tona a real intenção de cada autor ao escrever o texto Sagrado.

O trabalho investigativo nem sempre foi fácil tendo em vista da complexidade das obras do Antigo Testamento; a distância cronológica entre um Escrito e outro; e o contexto cultural dos autores; entre outros fatores. Vale salientar que nos próprios Escritos do Antigo Testamento há interpretações feitas pelos autores dos textos sagrados de passagens conhecidas, como, por exemplo, a representação da queda de Adão, que, de acordo com o profeta Oseias, ela representa um aspecto da queda da aliança, algo que não está claramente explícito no texto do Gênesis, mas que o profeta assim a interpreta.

O trabalho interpretativo do Antigo Testamento tomou forma mais especificamente a partir do período do segundo Templo, quando o povo judeu, após 70 anos de cativeiro, teve novamente contato com as Escrituras. Assim, os grandes intérpretes das Escrituras durante este período foram os rabinos, ou seja, os mestres e religiosos reconhecidos daquele tempo.

Com o advento do cristianismo e dos novos Escritos, ou seja, das epístolas, dos evangelhos e demais fontes literárias que compõem o Novo Testamento, o trabalho dos intérpretes voltou à tona. Havia agora a necessidade de harmonizar as profecias do Antigo Testamento com a obra e a vida do Messias. O trabalho

de encontrar Jesus, o Nazareno, dentro das profecias do Antigo Testamento, caberia aos intérpretes.

Mas o trabalho dos primeiros teólogos cristãos, aqueles que viriam logo após o período apostólico, não se restringiu apenas a encontrar Jesus nas Escrituras do Antigo Testamento, tendo em vista que as cartas apostólicas (epístolas paulinas, joaninas e demais epístolas), além evidentemente dos quatro evangelhos canônicos, irão tratar de deixar muito claro que Jesus, o Nazareno, teria sido de fato o Messias esperado. Assim, outros inúmeros temas teológicos foram sendo discutidos ao longo desse período, o qual é conhecido como o período dos pais apostólicos, ou simplesmente patrística. Durante este período nem tudo se tornará consenso. Surgirão inúmeras discordâncias e debates acalorados a tomar conta dos meios acadêmicos e da teologia dos primeiros séculos. Escolas interpretativas, como as de Antioquia e Alexandria, deverão surgir. O caminho da interpretação bíblica permanecerá praticamente inabalado durante séculos, até a chegada da Reforma Protestante.

Será por volta dos séculos XV, XVI e XVII que alguns teólogos católicos, na Alemanha, Suíça, Grã-Bretanha e em outros países da Europa, irão propor que a Igreja faça uma revisão em sua maneira de interpretar as Sagradas Escrituras. Esse movimento dará então origem à chamada Reforma Protestante. A Reforma Protestante irá se tornar, basicamente, um movimento interpretativo das Escrituras. Os reformadores, nos mais diferentes lugares e seguindo por vezes os mais distintos modos interpretativos, darão uma imensa contribuição para o processo hermenêutico das Escrituras.

Através de um trabalho bibliográfico, examinando os escritos dos principais intérpretes da patrística até o trabalho dos três principais reformadores do século XVI - Lutero, Calvino e Zwinglio - propomos uma síntese da história da interpretação bíblica da patrística até estes três grandes Reformadores do século XVI.

Esse trabalho é de suma importância, pois visa trazer um panorama dos métodos interpretativos utilizados desde o Antigo Testamento até o período dos Reformadores.

1. A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

A história da interpretação bíblica, também conhecida como hermenêutica, foi construída em um longo processo, o qual envolveu inúmeros debates durante anos, principalmente nos meios acadêmicos. Do campo acadêmico, o debate se propagou para os demais setores da sociedade, chegando enfim aos chamados “leigos”, ou seja, aqueles que, apesar de não terem nenhuma formação acadêmica, mas, por terem livre acesso às Escrituras, passaram a também dar suas interpretações do texto Sagrado.

68

A história da interpretação bíblica, de acordo com Lopes, começa já no Antigo Testamento.¹ Já há muito tempo os rabinos buscavam fazer uma leitura mais próxima do sentido original dos textos sagrados.

Ainda de acordo com Lopes, o primeiro tipo de literatura interpretativa rabínica foi o *midrash*, termo que deriva da raiz hebraica *darash*, que significa “investigar”, “averiguar”.² Quando se refere à época rabínica, o termo *midrash* pode significar tanto um tipo de literatura quanto uma forma de interpretação da literatura bíblica.

Nos primeiros séculos do cristianismo, ainda no período apostólico, o debate hermenêutico ficou por conta da real interpretação da lei de Moisés e sua aplicação para aqueles que

1 LOPES, Augustus N. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 35.

2 LOPES, 2003, p. 51.

não eram judeus, mas haviam se convertido ao cristianismo. O que se vê, por exemplo, em Atos dos Apóstolos, capítulo 15, com relação à circuncisão dos gentios.³ Nos séculos seguintes, os debates teológicos continuaram e as discussões eram acerca dos mais diversos assuntos. Nos séculos seguintes, no chamado período apostólico, também conhecido como Patrística, o método interpretativo mais utilizado foi o alegórico, ou seja, aquele que tenta fazer uma aproximação dos textos bíblicos por analogia figurada, mostrando que o sentido literal da própria Palavra é insuficiente para revelar o significado do texto. Entre os chamados pais apostólicos que defendiam esse método, está Orígenes de Cesárea. Orígenes, assim como outros teólogos de sua época, utilizaram o método alegórico para tentar aliviar a pressão de críticos cétricos do cristianismo e do judaísmo, tais como o escritor romano Celso, que ridicularizou muitas das histórias do Antigo Testamento, por considerá-las absurdas e impróprias de Deus.⁴

O método alegórico de interpretação bíblica já havia sido usado anteriormente por Filo de Alexandria. Contudo, apesar de Filo empregar o método alegórico nas interpretações de diversas passagens, ele não considerava o Antigo Testamento como tendo o mesmo valor que obras humanas. Para Filo, a Escritura é autoritativa, tendo origem divina.⁵

A utilização do método alegórico para interpretar as Escrituras continuou ainda por um bom tempo. Agostinho de Hipona, famoso teólogo do século IV, chegou a afirmar que toda a Escritura tem mais que um significado e que, portanto, o método alegórico seria o mais adequado para a sua interpretação. Para Agostinho, seguindo o raciocínio do método alegórico de

3 **BÍBLIA de Estudos Genebra**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 1447-1448.

4 OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001, p. 108.

5 OLSON, 2001, p. 89.

sua época, toda a Escritura tinha um sentido quádruplo, ou seja, histórico, etiológico, analógico e alegórico.⁶

O método alegórico de interpretação bíblica dominou a teologia não só na Patrística, ou seja, entre os séculos I ao VII, mas também durante todo período Escolástico, séculos VIII ao XVII. Contudo, o método alegórico de interpretação não foi consenso entre todos os teólogos.

Pode-se dizer que na verdade a teologia foi marcada por duas grandes escolas: uma conhecida como escola de Alexandria e a outra, que surgiu mais tarde, como escola de Antioquia. Muitos princípios hermenêuticos desenvolvidos pelos teólogos e intérpretes destas escolas influenciaram de forma contundente a interpretação da Bíblia e a formação das doutrinas da igreja em toda sua história.⁷ De acordo com Virkley, os eruditos da escola de Antioquia tentaram a todo custo evitar o alegorismo defendido de forma veemente pelos alexandrinos. Entre eles, estava Teodoro de Mopsuésia (350-428), que defendia com maior zelo o princípio da interpretação histórico-gramatical, isto é, que um texto deve ser interpretado segundo as regras da gramática e dos fatos da história.⁸

Até praticamente o século XVI, o método alegórico era o mais usado pelos teólogos. A fonte da teologia dogmática não era só a Bíblia, mas a Bíblia conforme a tradição da igreja a interpretava. O movimento da Reforma Protestante quebra esse princípio, defendendo que a Bíblia, e só a Bíblia, deve ser a fonte da teologia cristã. Esse princípio, mais tarde, fica conhecido como *Sola Scriptura*, ou seja, apenas a Escritura deve ser a regra de fé. A Escritura é *norma normans* (norma determinadora) e não

6 VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. Tradução de Luiz Caruso. São Paulo: Vida, 2001, p. 45.

7 BASTOS, Márcio V. Breve história da escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da reforma protestante. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 1, n. 1, jun/2015.

8 VIRKLER, 2001, p. 46.

norma normata (norma determinada) para assuntos de vida e fé.⁹

2. A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS DURANTE A REFORMA PROTESTANTE

O movimento da Reforma Protestante foi, em síntese, um movimento hermenêutico. Os reformadores rejeitaram e combateram o conceito de que a hierarquia da igreja era a autoridade máxima em questões religiosas.¹⁰ A Reforma Protestante começa basicamente como uma disputa teológica a respeito da natureza e da recepção da graça divina.¹¹ Os reformadores, em geral, rejeitaram a interpretação alegórica das Escrituras e se voltaram para os princípios defendidos pela escola de Antioquia, ou seja, o método histórico-gramatical.

Muitos fatores contribuíram para desencadear a Reforma Protestante. A publicação das 95 teses de Lutero foi um marco histórico do processo da Reforma Protestante, que, rapidamente, graças à invenção da imprensa por Gutemberg, alcançou proporções grandemente significativas. Nas teses, Lutero afirmava, entre outras coisas, que, se era verdade que o Papa tinha poderes para tirar uma alma do purgatório, teria que utilizar esse poder não por razões tão banais, tais como construção de uma igreja, mas devia fazê-lo por amor às almas e gratuitamente:

Por que o Papa não livra duma só vez todas as almas do purgatório, movido pela santíssima caridade e considerando a mais premente necessidade das mesmas, havendo santa razão para tanto, quando, em troca de vil dinheiro para a construção da basílica de São Pedro, li-

9 WACHHOLZ, W. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 109.

10 LOPES, 2003, p. 160.

11 BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma**. Editado por Matthew Barrett, texto originalmente escrito por Gerald Bray retirado de *God Has Spoken: A History of Christian Thought*, 2014 p. 469-470. Tradução Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 62.

vra inúmeras delas, logo por motivo bastante infundado?¹²

Essa era apenas uma das inúmeras posições de Lutero com relação à interpretação feita pela igreja, que em muito ultrapassavam aquilo que as Escrituras apresentavam. A ênfase à infalibilidade da Escritura não era negada por Roma. Entretanto, a prevalência da tradição sobre as Escrituras reduzia as Escrituras a mais um livro religioso comum.¹³ Desse modo, a interpretação das Escrituras feita pelos reformadores representou um rompimento radical com a hermenêutica católica.¹⁴

O entendimento de que a natureza das Escrituras era algo divino, fez com que os Reformadores percebessem a necessidade de que apenas com a iluminação do Espírito Santo seria possível compreender e interpretar as Escrituras de forma coerente.¹⁵ Isso não significa que a interpretação das Escrituras, com o movimento da Reforma Protestante, passou a ser visto como algo místico, mas que há uma necessidade direta da ação do Espírito Santo para que o leitor compreenda o texto sagrado, valendo-se, claro, dos argumentos contextuais históricos e a correta interpretação dos textos em suas línguas originais.¹⁶ Aliás, foi justamente devido ao movimento da Renascença que os teólogos passaram a perceber a grande importância que tinha o conhecimento dos textos originais, principalmente quando se tratava do Novo Testamento, que foi praticamente todo escrito em língua grega. A língua grega, por muito tempo na história da igreja, foi vista como uma língua de pagãos e os escritos sagrados pouco a pouco foram sendo substituídos por textos em língua latina. A Renascença chamou a atenção para a necessidade de conhecer

12 LUTERO, Martinho. *As 95 teses de Lutero*. Wittenberg, 1517.

13 LOPES, 2003, p. 160.

14 LOPES, 2003, p. 161.

15 SILVA, Moisés. *Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica*. São Paulo: Fides Reformata 4/2.

16 *BÍBLIA de Estudos Genebra*, 2009, p. 1406.

as línguas originais a fim de entender-se a Bíblia. Erasmo de Roterdã facilitou este estudo ao publicar a primeira edição de crítica ao Novo Testamento grego.¹⁷

A preocupação dos reformadores em chegar mais próximo do sentido original do texto passou a ser algo comum. Assim, a ênfase no sentido literal, gramático-histórico do texto, dominou o método hermenêutico durante o período da Reforma. Lutero, por exemplo, em seu comentário aos Gálatas, teceu duras críticas aos intérpretes escolásticos da Idade Média:

O que eles (os sofistas) deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler as suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam do seu contexto.¹⁸

A busca pela literalidade do texto tornou-se a base de ensino dos reformadores, que ensinavam que cada texto tem um só sentido, que é o literal, ou a não ser que, o próprio contexto ou outro texto das Escrituras requeiram claramente uma interpretação figurada ou metafórica.¹⁹

Apesar disso, vale salientar que os reformadores não deixaram de lado os comentários feitos em obras dos pais apostólicos, dos teólogos medievais e de obras contemporâneas, não dispensando assim a iluminação do Espírito a essas pessoas.²⁰

17 VIRKLER, 2001, p. 48.

18 LOPES, Augustus N. **Lutero ainda fala**: Um ensaio em história da interpretação bíblica. Citação feita no artigo publicado por Lopes, 1996 na revista teológica *Fides Reformata* 1/2 contida em *Luther's Works*, vol. 26, ed. Jaroslav Pelikan e Walter A. Hansen (Saint Louis: Concordia Publishing House), Tradução de Lopes do inglês para o português. *Fides Reformata*, 1996.

19 LOPES, 2003, p. 161.

20 LOPES, 2003, p. 165

3. A HERMENÊUTICA EM LUTERO, ZWÍNGLIO E CALVINO: UMA BREVE SÍNTESE

74

Lutero, Zwinglio e Calvino, dentre todos os reformadores do século XVI, foram sem dúvida os que mais contribuíram para o movimento da chamada Reforma Protestante. De acordo com Wachholz, Lutero foi um dos que mais atacou o princípio escolástico do *meritum de congruo*, o qual afirma que o ser humano teria forças para preparar-se para o recebimento da graça.²¹ Outro ponto interessante da interpretação de Lutero foi a declaração de que apenas a Escritura e nada mais além da Escritura tem autoridade sobre a interpretação da mesma. Esse princípio ficou conhecido como *Sola Scriptura*, em oposição à autoridade da igreja. O modo através do qual Lutero interpretou as Escrituras abriu as portas para que outros teólogos também colocassem às claras seus pontos de vistas acerca das Escrituras. Seguindo os passos de Lutero, Zwinglio também fez uma releitura dos textos do apóstolo Paulo com relação à graça mediante a fé. Contudo, sem dúvida alguma, o grande e maior exegeta da Reforma foi, provavelmente, Calvino.²²

Abordaremos de modo sintetizado neste tópico os principais pontos de vista hermenêuticos presentes na teologia desses três grandes reformadores: Lutero, Zwinglio e Calvino.

3.1 A HERMÉTICA BÍBLICA EM MARTIM LUTERO

Martim Lutero, tendo sido monge agostiniano, foi amplamente influenciado pela teologia de Agostinho de Hipona. No mosteiro, recebeu a supervisão do monge João Staupitz, que também era vigário-geral da ordem agostiniana na Alemanha

21 WACHHOLZ, 2010, p. 92.

22 VIRKLER, 2001, p. 49.

e o responsável por encaminhar Lutero para estudar Filosofia, Teologia e Bíblia na Universidade de Erfurt e o enviou a Roma a serviço da ordem agostiniana.²³

Na universidade, Lutero recebeu uma educação totalmente *nominalista*.²⁴ De acordo com um dos grandes estudiosos de Lutero, Heiko Oberman, praticamente não há dúvidas do treinamento nominalista em Erfurt recebido por Lutero, porém as implicações desse treinamento acadêmico ainda são contestadas e controversas.²⁵ Segundo Olson, foi devido à crença no nominalismo que Lutero se afastou da tradição escolástica de Tomás de Aquino, bem como da teologia natural, em direção à ênfase maior na fé como o caminho da mente até Deus.²⁶ Lutero também acreditava que a fé e a iluminação do Espírito eram requisitos indispensáveis ao intérprete da Bíblia.²⁷ De acordo com Virkler²⁸, podemos enumerar de forma sucinta os principais pontos da hermética bíblica em Lutero da seguinte forma:

- A igreja não determina o que as Escrituras ensinam; pelo contrário, as Escrituras é que determina o que a igreja deve ensinar;²⁹
- O método gramático-histórico deve substituir o método alegórico, o qual ele considerou como obsoleto. O intérprete deve considerar em sua exegese as condições

23 OLSON, 2001, p. 386.

24 *O nominalismo* é a doutrina que não admite a existência do universal (conceito abstrato), nem no mundo material, nem no mundo inteligível. Surgiu na sua forma mais radical no século XI por intermédio de Roscelino de Compiègne. Esse atribuía universalidade aos nomes, daí a origem do termo. **Conteúdo aberto.** In: **Wikipédia:** a enciclopédia livre. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nominalismo> Acesso em: 24 maio 2018.

25 OBERMAN, Heiko. **Luther: Man between God and the devil.** Tradução de Eileen Walliser-Scharzbat. New York: Doubleday, 1992, p. 120.

26 OLSON, 2001, p. 386

27 OLSON, 2001, p.386

28 VIRKLER, 2001, p. 48.

29 **BÍBLIA de Estudos Genebra**, 2009, p. 1632.

históricas, a gramática e o contexto;

- Ao abandonar o método alegórico, Lutero percebeu que a melhor forma de interpretar o Antigo Testamento é que ele, assim como o Novo Testamento, aponta para Cristo;
- Deve se fazer cuidadosa distinção entre a Lei e o Evangelho. A Lei refere-se a Deus em sua ira, seu juízo e seu ódio ao pecado, enquanto que o Evangelho se refere a Deus em sua graça, seu amor e sua salvação.

Com relação ao Batismo, Lutero discordou da posição dos escolásticos, que diziam que o pecado original é extinto no Batismo. Lutero concordava que a culpa é eliminada no Batismo, contudo a natureza corrupta do pecado original continua atuando sobre os regenerados.³⁰

Por fim, pode-se dizer que Lutero nunca foi um teólogo sistemático. Ele nunca chegou a produzir uma teologia sistemática. Seu amigo e assistente pessoal Melâncton é quem deu continuidade a sua obra.³¹

3.2 A HERMÉTICA BÍBLICA EM ULRICO ZWÍNGLIO

O pensamento protestante passa a se organizar somente a partir de Zwínglio e Calvino. Pode-se afirmar que a teologia reformada é a representação do pensamento protestante cujas raízes se encontram nos ensinamentos de Ulrico Zwínglio e João Calvino.³²

Ulrico Zwínglio nasceu em 1º de janeiro de 1484, em Wildhaus, na região de Toggemburgo, Suíça, e faleceu em 1531. Ao

30 OLSON, 2001, p. 48

31 WACHHOLZ, 2010, p. 92.

32 OLSON, 2001, p. 389.

contrário de Lutero, sua experiência com Deus não se deu a partir de uma “alma atormentada”; antes, Zwinglio era um erudito humanista, dedicado ao estudo da Bíblia.³³ Assim como Lutero, Zwinglio enfatizava fortemente o princípio das Escrituras, de que a Bíblia é a autoridade final para a fé e a prática cristã e que se encontra em posição totalmente superior a todas as tradições humanas, que por ela devem ser julgadas.³⁴

Zwinglio concordou com Lutero em vários aspectos teológicos, mas não em todos. O grande embate travado pelos dois foi com relação à Ceia do Senhor. Ambos concordavam sobre a necessidade de toda a congregação participar da Ceia, a importância da comunhão no pão e no vinho, o uso da linguagem do povo em vez do latim, a ligação da Palavra com a Ceia e a negação de que a Ceia envolve um sacrifício de Cristo ou a transubstanciação, como defendem os Católicos Romanos até hoje.³⁵ Entretanto, eles discordaram com relação à presença de Cristo na Ceia. Por exemplo, com relação à Ceia do Senhor, Lutero interpretou a passagem de Mateus 26.26, “Tomais, comei; isto é o meu corpo”, como algo literal. Enquanto que Zwinglio, tomando como base o texto de Marcos 16.19, “O Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus”, Cristo estava presente apenas de maneira espiritual, sem identificar-se com o pão e o vinho.³⁶ Em resumo, a visão de Ceia defendida por Zwinglio era algo meramente memorial, a Ceia do Senhor nada mais é do que o alimento da alma e uma ordenança (e não sacramento, como defendia Lutero) do próprio Cristo.³⁷ Lutero então tratou de dar uma resposta a Zwinglio com relação à interpretação de Marcos 16.19 sobre a frase “as-

33 OLSON, 2001, p.407.

34 WACHHOLZ, 2010, p. 69.

35 OLSON, 2001, p. 411.

36 FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 943.

37 FERREIRA; MYATT, 2007, p. 943.

sentou-se à destra de Deus”. De acordo com Lutero, essa passagem não deveria ser entendida de forma literal, mas trata-se de uma metáfora para explicar o governo de Deus e sua esfera de ação, já que Cristo não está em nenhum lugar fisicamente e nem está preso por limites de tempo e de espaço.³⁸

Lutero e Zwinglio nunca chegaram a um acordo com relação à interpretação da presença de Cristo na Ceia do Senhor. Lutero não abriu mão do significado literal da expressão, “isto é o meu corpo...” e Zwinglio manteve sua posição interpretativa de que a Ceia era um simples memorial. Coube a Calvino, mais tarde, adotar uma posição intermediária entre Lutero e Zwinglio, defendendo a posição de que a Ceia nos ensina que, nela, Cristo é verdadeiramente partilhado quando o participante se aproxima com fé genuína, com ênfase nos aspectos espirituais e místicos da comunhão com Cristo por meio do Espírito Santo.³⁹

Outro ponto de discordância entre Lutero e Zwinglio foi com relação ao Batismo. Lutero permaneceu com a visão Católica romana de Batismo como sacramento, enquanto que Zwinglio entendeu que, assim como a Ceia do Senhor, o Batismo era uma simples cerimônia simbólica (posteriormente chamada de “ordenanças”). Zwinglio equiparava o Batismo à circuncisão na antiga aliança entre Deus e Israel. Para ele, seria a cerimônia de iniciação do povo de Deus segundo a nova aliança. Contudo, o Batismo não salva, não fortalece a fé e nem outorga graça. Também não havia a necessidade de ser ministrado a crianças filhas de pais cristãos, uma vez, que segundo ele, crianças de pais cristãos já nascem participantes da aliança, isso implica dizer que Zwinglio não acreditava que as crianças nascem culpadas do pecado de Adão.⁴⁰

38 LOPES, 2003, p. 162.

39 LOPES, 2007, p. 943.

40 FERREIRA; MYATT, 2007, p. 944.

Em síntese, de acordo com Olson, a hermenêutica de Zwinglio estava baseada nos seguintes pontos:

- Autoridade das Escrituras, porém, discordando de Lutero, Zwinglio atribuía valor positivo à filosofia, contanto que a filosofia apontasse para verdades que favorecessem a teologia cristã;
- Crença na doutrina da predestinação como doutrina bíblica. Deus elegeu o seu povo e esta eleição antecede a fé, ou seja, a fé é um dom outorgado por Deus;
- A Ceia e o Batismo como ordenanças de Cristo e não como sacramentos. Na Ceia, Cristo está presente apenas espiritualmente e não fisicamente;
- Por fim, Zwinglio identificava a Bíblia toda como sendo a Palavra de Deus, enfatizando que o poder e a clareza das Escrituras provêm do Espírito Santo.⁴¹

3.3 A HERMÉTICA BÍBLICA EM JOÃO CALVINO

João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509, em Noyon, então capital da Picardia, norte da França, e faleceu em 27 de maio de 1564. Sua conversão ao Protestantismo se deu, assim como Lutero, através de uma experiência profunda com Deus, possivelmente entre os anos de 1533 e 1534.⁴² Nenhum outro reformador do XVI deu tanta ênfase à autoridade da Escritura como Calvino. A tese de Calvino era que somente a Escritura é fonte de conhecimento correto a respeito de Deus.⁴³

Para Calvino, apenas a Bíblia tem o poder de arrebatá-lo do ser humano, de penetrar o coração humano a nível das próprias entranhas:

41 OLSON, 2001, p. 414.

42 OLSON, 2001, p. 411-414.

43 WACHHOLZ, 2010, p. 74.

Leia Demóstenes ou Cícero, Platão, Aristóteles ou outros quaisquer: admito que, de modo admirável, atrairão, deleitarão, comoverão, arrebatarão. Contudo, se daí formos para esta sagrada leitura, queiramos ou não, prontamente nos afetarão, penetrarão em nosso coração, fixar-se-ão em nossas estranhas de modo que, diante da eficácia desde sentimento, quase desapareça a força dos retóricos e dos filósofos e perceba-se patentemente que a Sagrada Escritura, que supera em tão larga medida todos os dotes e as graças do engelho humano, tem algo de divino.⁴⁴

Assim, Calvino acreditava que apenas as Sagradas Escrituras conseguem atingir verdadeiramente o coração humano. A sentença predileta de Calvino era “a Escritura interpreta a Escritura”, demonstrando a extrema importância dada por ele ao estudo do contexto, da gramática, das palavras e de passagens paralelas, em lugar de trazer para o texto significado do próprio intérprete.⁴⁵ De acordo Olson, a teologia de Calvino estava baseada na teologia de Lutero, Zwinglio e também do reformador de Estrasburgo, Martin Bucer.⁴⁶ Calvino e os demais reformadores enalteciam as Escrituras como sendo inspiradas e iluminadas pelo Espírito Santo.⁴⁷

Devido à grande contribuição de Calvino para a teologia, torna-se quase impossível fazer uma síntese de todo o seu trabalho acadêmico, mesmo que esse se proponha a focar apenas em sua hermenêutica. Entretanto, tentaremos aqui enumerar os principais pontos presentes em sua hermenêutica bíblica:

- Calvino baseou seus argumentos doutrinários e suas crenças inteiramente nas Escrituras e, raras vezes, apelou à filosofia ou à tradição cristã como autoridade.

44 CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. São Paulo: UNESP, 2008, Vol. 1, p. 78.

45 VIRKLER, 2001, p. 49.

46 OLSON, 2001, p. 420.

47 OLSON, 2001, p. 420.

de absoluta.⁴⁸

- Assim como outros reformadores, como Lutero e Zwinglio, Calvino buscou identificar no texto bíblico a intenção do autor humano, que por vezes colocou no texto a sua interpretação pessoal baseada (em especial, no caso do Novo Testamento) nas profecias do Antigo Testamento, ou seja, algumas passagens mostram claramente que o autor percebeu em determinado fato da vida de Jesus o cumprimento das profecias.⁴⁹
- A doutrina de Calvino referente a Deus é completamente agostiniana, pois ele a considerou totalmente bíblica.⁵⁰ Assim sendo, seu pensamento teológico era inteiramente teocêntrico, assim como era o de Lutero, exaltando a soberania e providência de Deus.⁵¹
- Calvino, baseado no princípio reformado da *sola gratia*, assim como Lutero e Zwinglio, combateu veementemente o conceito de livre-arbítrio humano, combatido também no passado por Agostinho.⁵²
- Com relação à doutrina da predestinação, Calvino acreditava que essa se apresenta dividida em três partes, a saber: absoluta, particular e dupla. Absoluta porque não está condicionada a nenhuma contingência finita, mas fundamentada absolutamente na vontade imutável de Deus; particular porque visa ao indivíduo e não a grupos de pessoas e dupla, pois Deus ordenou alguns indivíduos à vida eterna, para louvor de sua glória, e outros à conde-

48 OLSON, 2001, p. 420.

49 OLSON, 2001, p. 420.

50 LOPES, 2003, p. 164-165.

51 OLSON, 2001, p. 420.

52 WACHHOLZ, 2010, p. 122.

nação eterna, para louvor da sua justiça.⁵³

- Em relação à Ceia do Senhor, o ponto de vista interpretativo de Calvino divergia tanto do de Lutero como também do de Zwinglio. Calvino não concordou com a visão de Zwinglio no tocante à ceia do Senhor ser apenas uma refeição memorial destituída de qualquer presença corpórea de Cristo. Por outro lado, Calvino rejeitou a visão da presença real ou consubstancial, defendida por Lutero. Para Calvino, o Espírito Santo, de modo místico e espiritual, aproxima o corpo de Jesus Cristo e o crente fiel mediante os símbolos do pão e do vinho na Ceia Senhor.⁵⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

82

A história da hermenêutica bíblica se desenvolveu a partir da contribuição de inúmeros teólogos de dentro e fora do cristianismo. Desde o trabalho dos rabinos judaicos até os primeiros estudiosos acadêmicos do cristianismo, a hermenêutica passou por um longo processo de transformação. Descobrir o sentido original dos textos, ou seja, a intenção exata de cada autor ao escrever o texto sagrado, nem sempre foi fácil. Isso porque a distância cronológica dos Escritos, a linguagem utilizada, o contexto histórico vivido por cada autor, sempre devem ser levados em conta quando se busca fazer um trabalho de hermenêutica. Assim, o trabalho do hermeneuta depende de um bom trabalho exegético, como acreditavam os primeiros rabinos que se aventuraram a interpretar o texto sagrado. A *midrash*, cujo termo significa algo como “averiguar”, “investigar”, foi o tipo de literatura interpretativa utilizada por esses rabinos.

Dentro do contexto cristão, o trabalho hermenêutico se de-

53 WACHHOLZ, 2010, p. 123.

54 OLSON, 2001, p. 422.

envolveu basicamente em como os primeiros cristãos interpretaram a lei mosaica. O que os apóstolos deveriam considerar como uma questão cultural e o que da lei deveria permanecer no cristianismo. Passado este período, a questão se voltou agora para os próprios Escritos dos apóstolos, ou seja, as epístolas e também os evangelhos. A crítica dos cétricos em relação ao cristianismo estava no fato de eles, os cristãos, acreditarem em histórias que nem sempre eram aceitas como possíveis, mesmo diante de uma ciência que ainda estava em desenvolvimento. Desse modo, muitos teólogos, desde a patrística até o período medieval, resolveram adotar o método de interpretação alegórico, ou seja, todo texto bíblico poderia ser interpretado tanto de forma literal, e, em alguns casos de forma metafórica ou alegórica.

Com o advento da Reforma Protestante, os reformadores abandonaram o método alegórico de interpretação, fundamentado na escola alexandrina, e passaram a adotar os princípios defendidos pela escola de Antioquia, ou seja, o método histórico-gramatical. Conhecer o contexto histórico em que cada texto foi escrito e o entendimento correto das línguas originais (hebraico – no caso do Antigo Testamento e grego – no caso do Novo Testamento) tornou-se essencial, de acordo com os reformadores, para uma correta interpretação das Escrituras. Esse era o entendimento de Lutero, Zwinglio e Calvino que, apesar de discordarem em relação a um ponto ou outro das Escrituras, concordavam plenamente entre si em relação ao melhor método interpretativo, ou seja, o método histórico-gramatical.

Como foi observado, a história da interpretação bíblica foi construída através de um longo processo que envolveu diversos fatores. O trabalho de cada teólogo ao longo desses séculos foi de suma importância e trouxe até nós um grande aprendizado.

Contudo, há ainda outros pontos que podem ser estudados dentro da história da interpretação bíblica, tais como os métodos interpretativos adotados pelos puritanos, pelos teólogos

liberais do final do século IX e início do século XX, bem como pelos teólogos atuais, tanto os de linha reformada como também aqueles adeptos dos chamados movimentos pentecostais e neopentecostais.

REFERÊNCIAS

BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma**. Editado por Matthew Barrett, texto originalmente escrito por Gerald Bray retirado de *God Has Spoken: A History of Christian Thought*, 2014 p. 469-470. Tradução Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

BASTOS, Márcio V. Breve história da escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da reforma protestante. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 1, n. 1, jun/2015.

BÍBLIA de Estudos Genebra. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2008. Vol. 1.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

LOPES, Augustus N. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LOPES, Augustus N. *Lutero ainda fala: Um ensaio em história da interpretação bíblica*. Citação feita no artigo publicado por Lopes, 1996 na revista teológica *Fides Reformata* 1/2 contida em *Luther's Works*, vol. 26, ed. Jaroslav Pelikan e Walter A. Hansen

(Saint Louis: Concordia Publishing House), Tradução de Lopes do inglês para o português. **Fides Reformata**, 1996.

LUTERO, Martinho. **As 95 teses de Lutero**. Wittenberg, 1517.

OBERMAN, Heiko. **Luther: Man between God and the devil**. Tradução de Eileen Walliser-Scharzbat. New York: Doubleday, 1992.

OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001.

SILVA, Moisés. **Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica**. São Paulo: Fides Reformata 4/2.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. Tradução de Luiz Caruso. São Paulo: Vida, 2001.

WACHHOLZ, W. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença
Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional